

Na Ceilândia, carência é rotina

Nas escolas públicas da Ceilândia a realidade é outra. Ao contrário do Plano Piloto, onde 90 por cento dos alunos já vão para o colégio no primeiro dia de aula, uniformizados e com vários cadernos, lápis, borracha, régua, etc, naquela cidade-satélite as crianças, muitas vezes, terminam o ano sem conseguir comprar o uniforme ou mesmo o material escolar, que acaba sendo fornecido pela caixa de benefícios escolares.

Na Escola-Classe 18, na EQNM 3/5, Ceilândia Sul, estudam cerca de 700 alunos, de 1ª a 4ª séries do 1º grau. Ontem, as crianças ouviram conselhos dos professores e se mostraram bastante receptivas, com vontade de aprender “e mais tarde conseguir um emprego que ganhe muito dinheiro”, como disse João José Xavier, 8 anos, aluno da 2ª série.

Segundo a diretora, Vera Lúcia de Oliveira, “é perfeitamente notável a euforia com que as crianças retornam às aulas, esperando rever os colegas e, em alguns casos, por causa da merenda que é servida”. Vera também preparou vários cartazes com mensagens do tipo “basta uma semente para cultivar a bondade de uma criança” e se preocupou em pedir para as serventes fazerem uma faxina geral em todas as dependências do colégio.

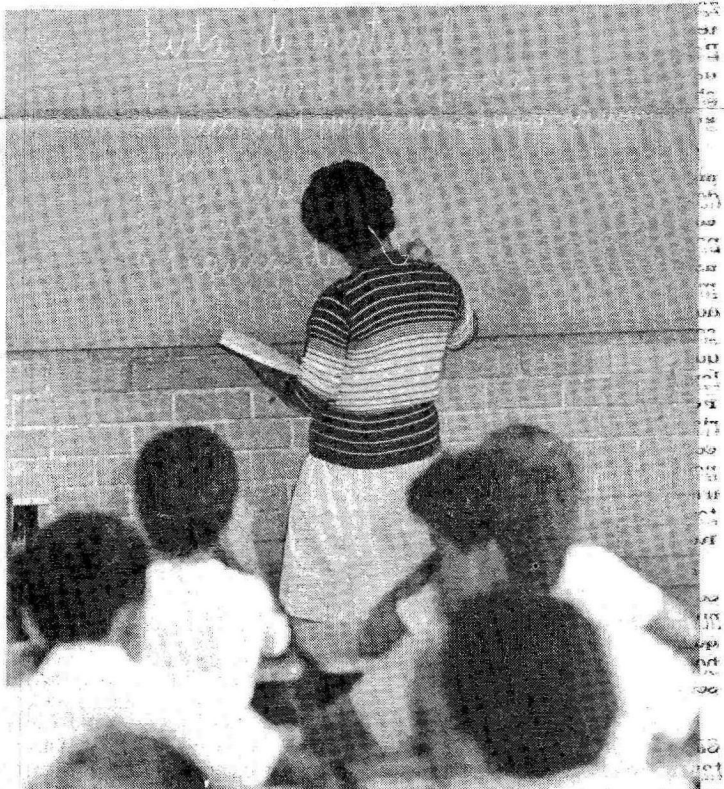
A professora Socorro Santos, que leciona para a 4ª série, há nove anos na escola, diz que apesar de ser obrigada a conviver com inúmeros problemas, que começam com a falta de segurança, é gratificante dar aulas para alunos carentes. “Eles voltam ansiosos para saber quem será a professora e como vai agir com eles. Isto porque as crianças fazem da tia um modelo. Por outro lado, nós professoras, tentamos suprir a ne-

cessidade de afeto que muitos trazem de casa, o que não é difícil quando nos empenhamos e trabalhamos conscientes”.

Ainda de acordo com Socorro, os alunos da Ceilândia se dedicam muito aos estudos porque querem aprender e conseguir um bom emprego e assim poder comprar comida para casa e não ver mais a mãe e o pai trabalhando dia e noite, sem parar. “Portanto, não há porque fazer distinção entre os alunos da Ceilândia com os do Plano Piloto. Pelo contrário, nós é que deveríamos ser os privilegiados pelo Governo”, acrescentou.

E, é verdade. Enquanto os

alunos do Plano Piloto recebem um lanche reforçado, os da Ceilândia têm que se contentar com um copo de chá e alguns biscoitos nos primeiros dias de aula. A partir da segunda quinzena, os alunos recebem um prato de comida — arroz, com sardinha, frango ou carne, macarrão, angú ou sopa. Só que este ano as merendeiras das escolas estão em apuros e não sabem se a Fundação Educacional vai mandar carne, frango ou lingüiça para as escolas. “Caso isto não aconteça, vamos ter que reformular o cardápio”, arrisca Maria Joana da Silva, da Escola-Classe 18.



Logo no primeiro dia, a preparação do ano letivo